

Os romances de Pepetela: construções de uma memória sobre angola na contemporaneidade

Carolina Bezerra Machado¹

RESUMO: Construídos em diferentes tempos, os romances do escritor angolano Pepetela retomam questões centrais para a história angolana na contemporaneidade. Em diálogo com essa perspectiva, o objetivo é fazer uma reflexão teórica e metodológica a fim de problematizar como as representações de Pepetela sobre a sociedade angolana estão em diálogo com a sua trajetória. Os espaços por que circulou, assim como as redes de sociabilidade que construiu são fundamentais no processo de escrita dos seus romances. Ao compreendermos que suas escolhas narrativas são cercadas por tensões entre o indivíduo e o mundo social, os romances de Pepetela passam a apresentar uma nova forma de conhecimento sobre o passado.

Palavras-chave: Pepetela, Angola, Literatura, Política, Representações.

The novels of Pepetela: constructions of a memory about angola in contemporary times

ABSTRACT: Built in different times, the novels of the Angolan paper Pepetela return to issues central to Angolan history in contemporary times. In dialogue with this perspective, the objective is to make a theoretical and methodological reflection in order to problematize how the representations of Pepetela on the Angolan society are in dialogue with its trajectory. The spaces through which he circulated, as well as the social networks he built, are fundamental in the process of writing his novels. When we understand that his narrative choices are surrounded by tensions between the individual and the social world, Pepetela's novels begin to present a new form of knowledge about the past.

Keywords: Pepetela, Angola, Literature, Politics, Representations.

Artigo recebido em 01/11/2016 e aceito em 01/12/2016.

Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida.¹¹

As narrativas que compõem as páginas dos romances de Pepetela estão diretamente envolvidas com a História recente de Angola. A construção de seus personagens se entrelaçam entre a ficção e a realidade, deixando emergir uma leitura crítica do escritor sobre a sua sociedade. Na passagem destacada acima, retirada do romance *Geração da Utopia* (1992), Orlando levanta um diálogo, já ao final do livro, acerca das heranças políticas que a geração da independência deixou para jovens da sua idade. Na concepção do personagem, a política de antes, que almejava liberdade e igualdade, amparada em pressupostos democráticos, fora sendo substituída pelo autoritarismo de Estado e corrupção, tornando as relações políticas artificiais. O poder estaria restrito a poucos, que se distanciavam cada vez mais dos interesses sociais.

No momento em que produziu o romance, 1991-1992, problemas políticos internos assolavam o país: Guerra Civil, abertura econômica e o fim do socialismo de Estado. Estes eventos traziam desconfianças e incertezas quanto ao futuro da nação angolana. Dúvidas que rondavam os seus livros, escritos em grande parte após a independência de Angola, faziam parte da vida cotidiana do país. Os diálogos travados entre os seus personagens, muitas vezes davam o tom dos anseios e preocupações presentes na sociedade.

Construídos em diferentes tempos, os romances de Pepetela retomam questões centrais para a História angolana na contemporaneidade. Escritos a partir de uma narrativa em movimento, eles exploram os processos históricos recentes que contribuíram para a construção do Estado angolano, assim como para o desenvolvimento da sociedade no decorrer da independência. Na passagem de tempo, característica de seus romances, fica explícita a permanência de um modelo político marcado pelo autoritarismo, que nem mesmo as transições políticas foram suficientes para desenvolver uma mudança.

Ao nos voltarmos para a trajetória pessoal de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, cujo nome de guerrilha é Pepetela, somos entretidos aos tempos da guerra colonial, em que o escritor foi personagem ativo das lutas de independência de seu país. Os problemas enfrentados, as contradições existentes dentro do movimento, assim como as disputas que já permeavam o futuro da política do país fizeram parte da sua formação enquanto indivíduo. Da mesma forma, os anos de estudante, que lhe levaram ao caminho do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), também são fundamentais para compreendermos sua escrita. A ida para Portugal em 1958, onde participou da Casa dos Estudantes do Império, assim como o seu exílio em Argel, a partir de 1962, lugar em que graduou-se em sociologia, ampliaram as suas relações, possibilitando conhecer novas realidades.

Todos esses movimentos que o escritor faz, estão inseridos nas suas narrativas. Os cenários descritos, assim como as histórias contadas em seus livros estão relacionados com a sua trajetória de vida, tornando-o também personagem de seus romances. Desta forma, o presente artigo faz parte de uma reflexão teórica e metodológica a fim de problematizar as representações construídas por Pepetela sobre a sociedade angolana. Ao compreendermos que

suas escolhas narrativas são cercadas por tensões entre o indivíduo e o mundo social, os romances de Pepetela passam a apresentar uma nova forma de conhecimento sobre o passado. A análise epistemológica da sua escrita está amparada em uma visão historiográfica que valoriza o ressurgimento do sujeito, principalmente ao reconhecê-lo como parte constitutiva e ativa da escrita da vida.

As mudanças de paradigmas impostas à História a partir da afirmação de uma Nova História Cultural, possibilitou novos olhares para o papel do indivíduo na vida social. De acordo com Roger Chartier, um dos expoentes dessa *Nova História*, a guinada historiográfica dos últimos anos trouxe para o primeiro plano a percepção individual, deixando para trás uma visão que priorizava a abordagem estruturalista, em que as relações sociais eram estudadas sem valorizar a consciência subjetiva dos atores.^{III} Nesse sentido, a análise sobre o real é ampliada. Os diferentes modos de ver e narrar a realidade permitem reconhecer as múltiplas visões sobre o passado. O modo como “os indivíduos produzem o mundo social, por meio das suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem”^{IV} passou a estar no cerne da escrita da História.

Dentro dessa perspectiva, os romances de Pepetela e as representações da sociedade angolana contidas neles, devem ser analisados em diálogo com os interesses que influenciam na escrita do autor. Parte-se do pressuposto de que o discurso literário é uma forma diferenciada de abordar o real, ao partir de uma dimensão simbólica diferente para dar sentido à experiência vivida.^V

Construída a partir de uma visão individual, essa experiência passa a ser valorizada, dando margem às subjetividades históricas, que enriquecem o cenário historiográfico. De acordo com a crítica literária Maria Nazareth Fonseca, “o romance pode ser entendido como uma leitura de mundos, ainda que se estruture a partir de estratégias discursivas regidas por princípios próprios à narração inventiva”.^{VI} Desse modo, devemos interpretar a escrita literária como uma construção da realidade, suscetível, assim como outras formas de representar o mundo, à disputas e conflitos inerentes à vida do escritor. Pois, a realidade é contruída envolta ao modo como ocorre a apropriação do contexto, por isso, “as modalidades do agir e do pensar devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos”.^{VII}

Para Beatriz Sarlo, estas concepções trazem a necessidade de novas exigências de método para o historiador.^{VIII} Ao se debruçar sobre a importância do testemunho para a verdade histórica, Sarlo defende uma nova temporalidade, originada no relato da testemunha, que traz à tona uma concepção de verdade fundada no sujeito e em sua experiência de vida. O ato de lembrar, ou seja, o retorno ao passado seria movimentado a partir de interesses do presente, causando uma “mistura de tempos”.^{IX} É importante salientar, contudo, que o testemunho aqui retratado está sendo pensado a partir da chave do trauma, em uma perspectiva Freudiana, em que o narrador tem a necessidade de expurgar aquilo que lhe perturba para poder seguir em diante.^X Dentro dessa lógica, temos nossa atenção redimensionada para a literatura de testemunho e todas as dificuldades que perpassam o ato de lidar com esses relatos em suas múltiplas dimensões subjetivas. O historiador se depara com um discurso que traz em seu seio o valor da verdade, guardando em sua experiência vivida a reivindicação do real.

Questionamentos importantes surgem dessas proposições. As representações da experiência construídas pelo sujeito estão em diálogo com o presente e com os interesses envolvidos nesse tempo. Desse modo, o método crítico que é exigido do trabalho historiográfico deve levar em consideração que a reconstrução sobre determinado passado está sendo feita a partir de subjetividades inerentes à posição que o narrador ocupa em seu

meio social. Para Sarlo, é impossível eliminar a “qualidade anacrônica” do testemunho, que constrói a sua memória em um cenário de conflitos atuais.^{XI}

Ao ser questionado sobre a sua produção literária, Pepetela reconhece o quanto a sua experiência de vida interfere no momento da escrita: “Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia a minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho”^{XII}. As preocupações com a nação movimentam as suas tramas, que não se constituem apenas como reprodução de um cenário, pelo contrário, elas trazem reflexões, interferindo diretamente no modo como enxergamos a sociedade angolana. As frustrações de uma geração não são apenas encenadas nas páginas de seus livros sem que com elas não venham perspectivas para um futuro, em um claro ato político.

Ao compreendermos que o relato memorialístico não está preso somente ao passado, mas que o ato de lembrar também é projetado e influenciado por disputas do presente, a narrativa desenvolvida por Pepetela em seus romances políticos deve ser objeto de uma reflexão histórica. O conjunto da sua obra constitui o relato de uma época, construído a partir de interesses que devem ser problematizados. Por isso, ao ressaltar as representações individuais, devemos estar cientes que a memória individual é formada também pela tensão entre várias memórias, pois “a memória é um processo relacional e intersubjetivo”.^{XIII}

Para Catroga, ao nos voltarmos para as representações que o indivíduo faz sobre o que viveu, somos remetidos diretamente para as diversas memórias que compõem o seu meio social. O ato de recordar estaria intrinsecamente ligado a um processo relacional que ampliaria as subjetividades que circundam a verdade histórica. Por isso, “a formação do eu de cada indivíduo será inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores das sociedades e grupos em que se situa e do modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como projeto”^{XIV}

Todavia, ao nos debruçarmos para a importância da memória na escrita historiográfica, devemos estar atentos às dimensões políticas que interferem na sua narrativa. A “experiência do vivido”, como ressaltou Walter Benjamin, sempre foi vista dentro de uma perspectiva frágil e volátil, o que naturalmente afastaria a memória dos objetos do historiador. Dialogando com essa perspectiva, Traverso defende que o surgimento da testemunha põe em causa algumas práticas do historiador, pois longe de se constituir como uma memória efêmera, como defende Benjamin acerca da experiência vivida, ela traz questões fundamentais para pensar a escrita da história, tornando a memória parte da oficina do historiador.^{XV}

Mesmo cercado por contradições e armadilhas, os discursos memorialísticos devem ser reconhecidos como um dos diferentes modos do homem se representar. Sob esse viés, o que interesse para o historiador está em investigar “quem recorda, o que se recorda, como, para que fins, com que meios, o que importa são os artificios e as práticas da memória”.^{XVI} O testemunho vira personagem da sua narrativa.

Ao defendermos esse ponto de vista, também compreendemos que o diálogo entre a história e a literatura se torna fecundo à medida que entendemos a história e as fontes históricas não como verdades absolutas, mas sim, como representações historicamente construídas sobre dada realidade, produzidas dentro de processos históricos determinados. As disputas e os anseios se relacionam e definem a escrita de determinado texto. Pois as condições de produção influenciam diretamente as representações que o indivíduo faz acerca do que viveu.

Deve-se ressaltar, contudo, que a literatura de Pepetela não é compreendida aqui a partir de uma perspectiva clássica da literatura do testemunho. Esta, de acordo com

Seligmann, deve ser considerada como tal a partir da sua relação e compromisso com o “real”, o que não caracteriza as narrativas do escritor angolano, cercadas de ironia. De acordo com o crítico, esse modelo literário traz novas indagações à literatura, pois ela deixaria de ser amparada somente em uma dimensão que imita a realidade para ser a própria manifestação do real.^{XVII}

Entretanto, por outro lado, as preocupações teóricas que cercam a análise da literatura de testemunho também devem estar presentes no relato romanesco, principalmente, se nos voltarmos para a autoridade que Pepetela exerce na construção das suas narrativas. Alguns de seus romances, inclusive, são retratados pela crítica literária como históricos, como também é reconhecido pelo próprio escritor, que admite já ter recorrido à arquivos para a escrita de seus livros. Todavia, ao focarmos nos romances considerados políticos, compreendemos que há uma escrita muito mais engajada, que denuncia um sistema político corrupto, clientelista e patrimonialista. Em diálogo com uma historiografia recente, os romances de Pepetela vão contribuindo para uma reflexão importante acerca das relações políticas angolanas, que mesmo após a independência, guardam marcas do período colonial.

Como afirma Inocência Mata, em uma sociedade ainda carente de (auto) reflexão e de instituições que a possam impulsionar sem interesses particulares de determinados grupos, a literatura exerce grande influência ao “desempenhar um papel que vai além da sua significação estética e simbólica” ao exercer o que chamou de “significação extratextual”. Ou seja, ela pode ser interpretada como a conjugação de uma memória individual sobre um passado histórico supostamente coletivo. As contradições vivenciadas dentro da sociedade angolana são postas em evidência.^{XVIII}

O lugar que o escritor ocupa dentro do seu país, mas também fora dele, possibilita reconhecermos no conteúdo da sua escrita literária, mesmo em meio ao ficcional, a representação de uma realidade^{XIX}. Percebe-se a defesa de um projeto de nação e a afirmação de uma identidade que se diferencia do projeto defendido pelo Estado. Constrói-se uma verdade baseada em concepções políticas e ideológicas em que o escritor acredita. As metáforas são utilizadas como recurso linguístico para descrever o real. Deste modo, Pepetela também é testemunha, o escritor, o militante e o cientista social se relacionam intimamente^{XX} trazendo à tona o conflito entre uma memória de Estado e uma memória individual.

Nesse sentido, como forma de ampliar o debate, o discurso nacionalista de Pepetela também deve ser problematizado sob um viés que implica reconhecer que a escolha de um nacionalismo homogêneo por parte do Estado é um importante recurso para o fortalecimento do seu poder. Da mesma forma, a centralização política em um partido também favorece o autoritarismo de um Estado. Através desta interpretação, o diálogo com a historiografia produzida sobre o país torna os romances de Pepetela ainda mais interessantes.

Uma das principais características dos romances de Pepetela é a pluralidade de narradores que os compõem, e essa escolha não é natural, pois as falas demarcam as diferenças existentes^{XXI}. A cada frase aparecem as dúvidas, as problematizações, as dificuldades e os medos que estão presentes na formação da sociedade angolana. Longe de ser um projeto homogêneo, a construção da identidade e do que é ser angolano perpassam muitos interesses e diferentes escolhas. A escrita de Pepetela, influenciada por estas constantes contradições existentes, contribuem para uma nova leitura da História angolana. Se o Estado teve como interesse apagar e silenciar as diferenças, em nome da unidade nacional, a literatura angolana traz novas perspectivas e enriquece o cenário do país. Para a crítica literária Rita Chaves, “Pepetela abre-se à explicitação das várias identidades, alertando para o fato de que a massificação pretendida pela colonização não foi capaz de pôr fim à pluralidade de crenças, línguas e tradições”^{XXII}.

O trecho abaixo possibilita destacar questionamentos relevantes que levam o leitor a refletir sobre a diversidade cultural e étnica que compõem a sociedade, ampliando as discussões nacionalistas e raciais que fizeram parte da formação do Estado angolano. O romance *Mayombe*, escrito em 1971, mas somente publicado em 1980^{XXIII}, se debruça sobre a história do movimento guerrilheiro que atuou nas lutas de independência de Angola. Participante ativo desse processo, Pepetela faz ecoar diferentes vozes em seu romance:

Eu, o narrador, sou Teoria.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura do café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem quer ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez?^{XXIV}

De acordo com Pepetela, em entrevista à Carlos Serrano, o autor teria se fragmentado em diversas partes. Nenhum personagem reflete como um todo o seu pensamento político e social, mas deixam emergir as angústias silenciadas por um projeto nacional. No caso de “Teoria”, que representa o mestiço, os problemas raciais vem à tona^{XXV}.

A literatura de Pepetela é marcada pela distinção social existente na sociedade angolana a partir da cor da pele, quanto mais clara fosse, de mais privilégios poderia se beneficiar. A partir da segunda metade do século XX, com o crescimento dos movimentos nacionalistas, as tensões raciais também se faziam presentes. Grupos negros propunham a expulsão de brancos e de mestiços; por outro lado, o preconceito de brancos residentes no país aumentava ainda mais após o início da guerra colonial. Nessas demarcações de posições, o mestiço, como exemplifica a passagem destacada, representa o inconciliável.

Os debates raciais são inerentes à formação de Pepetela. De acordo com Sílvio Carvalho, na cidade natal do escritor, Benguela, mais de 50% da população era constituída por mestiços e, talvez por isso, embora existisse discriminação racial, ela era menor que na capital angolana. Todavia, por motivos de estudos, a sua ida ainda muito jovem para outras regiões do país, lhe trouxe o choque de realidade. Daí pra frente, as distinções raciais entravam no seu cotidiano.^{XXVI}

Em 1958 Pepetela se muda para Portugal com o objetivo de cursar o ensino superior. Ao chegar no país europeu, o escritor se depara com o acirramento político que já fazia parte dos núcleos de estudantes africanos que viviam em Lisboa. Muitas vezes esses grupos se utilizavam do discurso racial para marcarem posições e legitimarem suas ideias políticas. Pepetela vai ser integrante da Frente Unida Angolana (FUA). Fundada em 1961 no percalço do crescimento dos movimentos nacionalistas, a organização, embora composta por brancos, foi se destacando pela defesa de um discurso nacionalista e racialmente igualitário^{XXVII}. Com a necessidade de sair em exílio para Argel, para fugir da convocação do exército colonial, também conheceu novas realidades políticas que contribuíram para o seu amadurecimento. A liderança, junto a outros camaradas^{XXVIII}, para a criação do Centro e Estudos Angolanos (CEA), lhe trouxe a responsabilidade de desenvolver o projeto de cultura nacional angolano, cujo objetivo era o fortalecimento de uma frente ideológica da guerra de libertação^{XXIX}.

Como afirma Pepetela em entrevista, para muito integrantes da FUA, fazer parte do movimento seria um meio para se chegar ao MPLA:

CAROLINA BEZERRA MACHADO

houve uma cisão no fundo, a FUA do interior e a FUA do exterior. A FUA do exterior era uma organização de apoio ao MPLA. Havia problemas na integração de brancos, gente branca, nos movimentos de libertação. O MPLA era o mais aberto, mas, mesmo assim... não por ele propriamente dito, mas pelo que se diria [...], usavam isso como propaganda [...]. E então nos estávamos na FUA, e em Argel [a FUA] era realmente uma dependência do MPLA.^{XXX}

A presença branca nos quadros do movimento sempre trouxe incertezas e desgastes internos. Enquanto os outros grupos nacionalistas eram compostos em sua maioria por negros, grande parte dos integrantes do MPLA eram brancos e mestiços, o que levantavam questionamentos quanto à africanidade e legitimidade do movimento. É importante ressaltar que o MPLA foi formado basicamente por duas frentes: uma luandense e outra metropolitana, sendo assim, atraiu muitos mestiços e brancos para o movimento, o que sempre se apresentou como uma questão delicada, em que muitas vezes se tentou minimizar ou mesmo esconder tal característica. Como afirma Marcelo Bittecourt, havia grande receio de serem “acusados de representar uma Angola branca e mestiça, defensora do neocolonialismo”.^{XXXI} O historiador cita inclusive uma entrevista de Pepetela afirmando que foi um dos primeiros brancos a ir para a luta armada, embora tivesse ficado anos para ser chamado por conta da cor da sua pele.^{XXXII}

Da mesma forma, os primeiros anos do pós-independência foram marcados pelas disputas políticas e ideológicas em Angola. Novamente recorrendo à variável racial, a UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola) e a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), os outros dois movimentos que rivalizavam o poder político, acusavam o MPLA de ser um movimento liderado por brancos, mestiços e urbanos, representando uma elite angolana que não teria raízes africanas, enquanto que o MPLA acusava seus adversários de retrógrados, presos às questões tribais e avessos à modernidade.

A partir destes levantamentos podemos perceber o quanto a trajetória de Pepetela contribui para a narrativa dos seus livros. Ao escrever *Mayombe* no momento em que ainda se desenrolava a luta de libertação, todas as contradições que o autor já vinha vivenciando há anos é transposta nas linhas do romance. Nesse sentido, Carlos Pestana é testemunha e utiliza a escrita como um escape para não esquecer, como já afirmou em inúmeras entrevistas, sentia a necessidade de escrever. Para ele, “o papel do romance é fundamental para a nova geração conseguir viver um pouco o que era a vida de antes (...) é um voltar atrás mas com os olhos pelo menos no presente”.^{XXXIII}

O ato de escrever para Pepetela lhe ajuda a compreender melhor a sua realidade, mas de modo em que ele também atue nessa realidade. Ao inverter papéis, dar voz a uma multiplicidade de narradores, relacionar fatos reais com ficcionais, o escritor encena mundos possíveis e abre a possibilidade de refletirmos sobre diferentes pontos de vista. A narrativa de Pepetela ganha um estatuto legítimo, pois é um lugar de memória.

Ao nos debruçarmos ainda sobre os romances políticos escritos pelo autor no pós-independência, principalmente os escritos a partir da sua saída do MPLA em 1982, percebemos que uma nova abordagem política ganha as páginas. Se antes as críticas internas já se faziam presentes, posteriormente o tom de denúncia será ainda mais ácido, apontando para a traição de um projeto político. Através dos personagens criados por Pepetela, somos envolvidos por uma trama que denuncia um modelo político que facilita as práticas de corrupção, favoritismo e nepotismo, levando a crer que essa seja uma realidade inerente ao sistema político existente.

Se perpetuando no poder desde o momento da independência do país, o MPLA não

contribuiu para o fortalecimento de um modelo democrático que descentralizasse o poder e permitisse a liberdade de expressão. Como ressalta Christine Messiant, mesmo após a instauração de um sistema multipartidário, não houve a transição para a democracia em Angola. A intelectual argumenta que o quadro político do Estado até hoje se encontra associado a benefícios de redistribuição – “o que se impõe na prática como modo de acesso aos bens e serviços é, pois, o modo clientelista e não a reivindicação de direitos própria a uma democracia”.^{XXXIV}

Os interesses pessoais se sobrepuseram aos coletivos. O personagem principal de *Predadores* (2005), Vladimir Caposso, exemplifica essa realidade, pois ao longo do romance de Pepetela ele vai se modificando, encontrando oportunidades de engrandecer de acordo com as novas possibilidades que o modelo político lhe oferecia. Desse modo, se antes era bom manter sua fama de socialista, pois “tinha feito anteriormente constar que abandonara as pretensões a lojista por não concordar com o comércio privado, sendo um socialista de velha cepa, achando que o comércio só devia ser feito pelo Estado, coletivização total”,^{XXXV} posteriormente, com a abertura do mercado econômico na década de 1990, os negócios passam a estar em primeiro plano. Pepetela ressalta em seu romance que nesse momento, cada vez mais se “misturava cargos políticos com empresas meio clandestinas”, o que vai ocorrer com Vladimir Caposso, que vai passar a investir em comércio de armas. Em passagem relevante do livro, Caposso afirma: “Que se lixe a política, o partido e o marxismo! Quero é acumular fortuna e todos me respeitarão, pedirão favores, por muito marxistas que sejam”.^{XXXVI} Nos anos de 1990 VC larga a política e passa a ser somente empresário.

Em diálogo com o exemplo acima, Nuno Vidal afirma que após a abertura econômica para o setor privado, “os processos de privatização que decorreram dos anos 90 foram feitos em favor das elites no poder e hoje os mais lucrativos e politicamente cruciais ramos do setor privado assumem um caráter de oligopólio”.^{XXXVII} Essa lógica continuava a estar atrelada sobre uma política de interesses, denominada por Vidal como patrimonialista-clientelista.

Nos mesmos moldes em que se desenvolveram outros países africanos, o Estado angolano surgiu como uma instituição responsável pelo desenvolvimento e modernização, assim como pela criação da nação e da identidade nacional, o que lhe permitiu concentrar o poder à medida que fosse essencial para expulsar o colonizador. No entanto, novas relações de poder foram construídas e transformaram o *Estado-partido* no principal meio para adquirir bens e serviços, em uma lógica clientelista. Em diálogo com esse argumento, Messiant defende que a péssima situação social de Angola não se deve apenas às guerras, é também produto de uma política de governo, que atrela até mesmo as iniciativas políticas da sociedade civil à figura do partido e do presidente, engrandecendo a sua imagem como benfeitor.^{XXXVIII}

Sob esta perspectiva, Patrick Chabal destaca em diversos trabalhos as relações que se desenvolveram entre as sociedades e os Estados africanos após a independência que possam ter permitido a formação de um governo *neopatrimonial*, apesar das estruturas políticas formais existentes. Observa-se que a política contemporânea nos Estados africanos está pautada sobre uma complexa rede dividida entre os interesses particulares e do governo, em que a sua legitimidade política estaria baseada na “habilidade dos políticos para alimentar as redes das quais suas posições dependem”.^{XXXIX}

Nesse sentido, para compreendermos os aspectos políticos que se desenvolveram no pós-independência devemos dar maior atenção ao sistema político que foi formado, em que se construiu uma relação vantajosa entre a sociedade e o Estado. Chabal argumenta que os principais problemas enfrentados pelos africanos estão relacionados com as formas de poder exercido no continente, assim como com as “complexas formas em que a sociedade e a política interagem”. O poder formal, concentrado no Estado e o que denomina de poder

informal, baseado nas relações clientelistas e patrimoniais se mesclam e formam o sistema político africano. Para o autor, esse debate é fundamental para compreendermos a legitimação do Estado africano contemporâneo.

No caso de Angola, de acordo com Daniel dos Santos, não podemos falar que houve uma ruptura com o Estado colonial, há a permanência de uma estrutura de poder única, que controla as relações da sociedade angolana, permitindo o aparecimento de determinados grupos que se colocam como intermediários da riqueza e do poder político^{XL}. Para Patrick Chabal, as mudanças ocorridas no regime de Estado angolano “fracassaram em produzir uma transformação sistêmica que reforçasse a institucionalização”, da mesma forma que não possibilitaram um desenvolvimento democrático que pudesse dar espaço para o reconhecimento da sociedade civil. Esta sempre esteve atrelada às benesses do Estado, em torno de um modelo clientelista que deriva do regime patrimonialista, em que “os governantes controlam os recursos do país e deles dispõem de forma a garantir a legitimidade e o apoio necessário para permanecerem no poder”.^{XLI}

No romance de Pepetela, à medida que o Estado vai se afastando das concepções políticas socialistas, as críticas aumentam, deixando evidente as decepções com o governo: “Foram guerras épicas, essas do tempo colonial. E o MPLA veio e disse, cortem o arame, a terra é do povo. Gostei. Vinte e tal anos depois, começam a vir os mesmos para fechar os pastos e os caminhos com arame farpado”.^{XLII} Esta passagem se refere à fala de uma liderança social, Chipengula, que criou a DECTRA, uma associação pela Defesa dos Criadores Tradicionais. Segundo o personagem, esta ONG nasceu dos debates suscitados nos comícios do MPLA, nos tempos em que ainda “acreditavam em princípios (...) bons e inocentes tempos”. A participação política, o comprometimento com o partido e a ideologia socialista estão restritos aos interesses pessoais: enriquecimento e poder. Faz do uso da palavra que denomina o título do último livro analisado – *Predadores* – um importante instrumento técnico que associa a arte predatória à destruição da sociedade angolana. Capazes de tudo, esse grupo social emergente destrói todo o sonho de antes, assim como todos os ideais.

Torna-se fundamental retornarmos ao período em que escreveu *Predadores* para compreendermos algumas questões pertinentes à análise da narrativa de seu romance. Em 2002, o cessar fogo foi negociado entre o MPLA e a Unita, interrompendo uma longa guerra civil. Nesse momento, com a promessa de eleições próximas, a esperança por um maior processo de democratização do país era visível, acreditava-se na abertura política, assim como no crescimento e independência das Organizações sociais. Todavia, o adiamento das eleições e a hegemonia política do Estado, sobretudo com o poder concentrado no executivo, frustraram as ambições sociais. Envolta a esse cenário, as críticas suscitadas por Pepetela revelam as incertezas e inquietações frente aos novos caminhos traçados pelo Estado angolano. Há nas linhas escritas pelo intelectual o inconformismo frente a um projeto nacional que não se concretizou, se esmiuçou devido aos interesses capitalistas que originaram uma burguesia emergente de caráter predatório.

Por meio de um posicionamento político de combate, resistência e crítica aos rumos tomados pelos novos dirigentes no período pós-independência, o escritor problematiza as relações complexas entre o Estado e a sociedade. Ao analisar o governo do MPLA desde a independência do país, seus livros representam o retrato de uma sociedade marcada pela guerra e corrupção, envolvida em uma rede de interesses que dificulta o caminho para uma democracia estável e uma sociedade mais igualitária.

Escrito em 2005, a análise de *Predadores* deve levar em consideração o período político vivenciado que ainda se encontrava incerto, deixando emergir nas entrelinhas o autoritarismo do Estado angolano. Entre um ir e vir da narrativa, Pepetela aponta para a

estruturação e consolidação do poder político de um partido, o MPLA. Vladimir Caposso passa a constituir a metáfora dos desvios sociais, políticos e econômicos do partido. Caposso vira um predador, não se abstém da oportunidade de se aproveitar, explorar e oprimir o outro, desde que o favoreça individualmente.^{XLIII}

De acordo com Pepetela, *Predadores* aborda a “ascensão de um personagem-tipo que começa a aparecer a partir da independência (...) Ele é o pretexto para contar a história do país”^{XLIV}. O escritor afirma que já era tempo de tratar do aparecimento de uma nova burguesia. Essa posição nos permite retomar a reflexão da escrita literária enquanto espaço de memória, pois as escolhas de Pepetela são feitas em diálogo com as tensões sociais vividas pelo autor angolano. Por isso, devemos levar em consideração as escolhas, silêncios e esquecimentos que circundam as narrativas de seus romances.

Pepetela participou ativamente do processo de independência e de construção de uma nova sociedade. Com o fim da guerra, passou a fazer parte do governo atuando como Vice-Ministro de educação, cargo que lhe possibilitou participar da construção de materiais didáticos para Angola. A vanguarda assumida pelo MPLA para o rompimento com o colonialismo e a defesa de um novo projeto nacional se voltou para concepções ideológicas socialistas. Para o então movimento, esta seria a única forma de atingir uma independência econômica e social, visto que na visão dos dirigentes, “o subdesenvolvimento de Angola seria consequência da dependência e exploração seculares do país pelo sistema colonial e imperialista”.^{XLV}

A formação de uma nova identidade nacional estava diretamente ligada ao fortalecimento do aparelho de Estado, assim como à sua burocratização. Por mais que houvesse uma articulação em integrar a sociedade nesse projeto, a defesa de uma identidade que unisse a imensa pluralidade angolana sempre partiu de cima, da aspiração de intelectuais e membros do Estado, o que dificultava o consenso.^{XLVI} Dentro desse cenário, aos poucos, Pepetela foi se afastando do governo, rompendo com o partido em 1982. As incertezas deram espaço para as decepções com o regime implementado. As expectativas de uma nova realidade social após a independência passaram a ser utopias de um tempo passado. Mesmo fazendo parte de uma memória individual, sua narrativa dialoga com os anseios, perspectivas e opiniões da sociedade. Os discursos proferidos pelo romancista fazem parte de uma crítica interna que chama a atenção para aqueles que teriam traído a construção da nação e o projeto de uma sociedade democrática e mais igualitária ao privilegiar seus interesses pessoais

A partir dessas argumentações, devemos relativizar a ideia de que a obra literária é expressa através de uma singularidade, compreendemos que ela é “fruto de valores e ideias compartilhadas socialmente”. O indivíduo é considerado um ser social em que o processo interno de sua escrita está inserido em um processo por qual este dialoga e o percebe de acordo com os seus valores. Assim, estudar o indivíduo é também estudar o seu meio social.

Notas

I Doutorado em História pela UFF. Este texto foi produzido com financiamento da CAPES.

II PEPETELA. Geração da Utopia. 1992. p. 369.

III CHARTIER, Roger. História hoje. In.: *Estudos históricos*. nº7, vol.13, 1994. p.101.

IV Idem.

V PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: Uma Velha Nova História. In.: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 septembre 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560

OS ROMANCES DE PEPETELA: CONSTRUÇÕES DE UMA MEMÓRIA SOBRE ANGOLA NA
CONTEMPORANEIDADE

CAROLINA BEZERRA MACHADO

- ^{VI} FONSECA, Maria Nazareth. Literatura e “arquivos da memória”: negociação e dispersão de sentidos. In.: SECCo, Carmen Tindó, SALGADO, Maria T. E JORGE, Sílvio R. (orgs) *África, escritas literárias*. Rio de Janeiro: UFRJ; Angola: UEA, 2010. p.77.
- ^{VII} CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002. p. 25
- ^{VIII} SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 17.
- ^{IX} Idem. p.10.
- ^X SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- ^{XI} Idem. p.59.
- ^{XII} MOTA, Denise. “independência e Justiça”, *Raça Brasil*, nº97, São Paulo. APUD.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. p. 37.
- ^{XIII} CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto: 2001. p.16.
- ^{XIV} CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.20.
- ^{XV} TRAVERSO, Enzo. *O Passado. Modos de Usar*. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 12-16.
- ^{XVI} JULIA, Santos. “Por la autonomia de la história. Claves de razón práctica”, 207 [Consultado: 01/07/2013] http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf.
- ^{XVII} SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- ^{XVIII} MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*. 1993. p.51
- ^{XIX} Pepetela já recebeu o prêmio de literatura por obras como *Mayombe* e *Yaka*, assim como o prêmio da Associação paulista dos críticos de arte (APCA) pelo livro *Geração da Utopia*; o prêmio da União dos escritores angolanos (UEA); prêmio Camões pelo conjunto de sua obra; o prêmio holandês Prinz Claus, novamente pelo conjunto da obra; o prêmio da Câmara Municipal de Sintra (Portugal); recebe a Ordem de Rio Branco (Brasil) e o prêmio literário de escritor galego universal promovido em Santiago de Compostela.
- ^{XX} SERRANO, Carlos. *O Romance como documento social: o caso de Mayombe*. In.: *Via atlântica*. Nº 3, dez. 1999.
- ^{XXI} CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. p. 132.
- ^{XXII} Idem.
- ^{XXIII} De acordo com Pepetela, a demora para a publicação do livro se deveu a problemas burocráticos com as editoras envolvidas. Em nenhum momento houve censura.
- ^{XXIV} PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013, p. 14
- ^{XXV} SERRANO, C. *Op. Cit.* p.135.
- ^{XXVI} CARVALHO, Sílvio de. *Pepetela: Frangmentos de uma Trajetória*. *Boletim do Tempo Presente - Boletim do Tempo Presente*, nº 06, de 09 de 2013, p. 1 - 16, | <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>. Acessado em 02/09/2016.
- ^{XXVII} Para mais sobre esse debate ver: FIGUEIREDO, Fábio B. *Entre raças, tribos e nações: Os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos.Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos*, 2012.
- ^{XXVIII} Faziam parte do Centro de Estudos Angolanos: Maria do Céu Carmo Reis, Adolfo Maria e Henrique Abranches.
- ^{XXIX} FIGUEIREDO, Fábio B. *Op. Cit.* p.37.
- ^{XXX} PEPETELA, Entrevista concedida a Fabio Baqueiro Figueiredo, Lisboa, 19 jun. 2011. In.: FIGUEIREDO, Fábio B. *Op. Cit.* p. 218.
- ^{XXXI} BITTENCOURT, Marcelo. *As linhas que formam o 'EME'*. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada à Universidade de São Paulo, 1996. p.32-33.
- ^{XXXII} Idem.
- ^{XXXIII} SERRANO, Carlos. *Op. Cit.* 1999.
- ^{XXXIV}
- MESSIANT, Christine. *Transição para o Multipartidarismo sem transição para a Democracia*. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *Multipartidarismo em Angola*. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.. P.147
- ^{XXXV} PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. p.317
- ^{XXXVI} PEPETELA. *Op. Cit.* 2008. p.339
- ^{XXXVII} VIDAL, Nuno. *Multipartidarismo em Angola*. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006. p. 32.
- ^{XXXVIII} Para mais sobre a relação da sociedade civil ver: MESSIANT, Christine. *The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola's Regime is taking over civil society*. *African Affairs*. 100, 2001. P. 287-309. Neste

artigo a autora desenvolve a relação da Fundação Eduardo dos Santos (FESA) com a sociedade, na qual a Fundação com dinheiro provindo dos rendimentos do Estado fornece ajudas e ofertas em nome do presidente, traduzindo bem o poder clientelista.

^{XXXIX} CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI. p.7.

^{XL} SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EDUFF, 1995.

^{XLI} CHABAL, Patrick. In Vidal, Nuno & Pinto de Andrade, Justino *Sociedade Civil e Política em Angola, enquadramento regional e internacional*, (Luanda & Lisboa: Universidade de Coimbra & Univ Católica de Angola, 1ª edição, 2008; 2ª ed. 2009), p.XXI-XXXIII.

^{XLII} PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. p. 185.

^{XLIII} In.: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (org.) *Portanto...Pepetela*

^{XLIV} Idem. p. 44.

^{XLV} DILOWA, C. R. . *Destruir para construir melhor*. Luanda: Departamento de Informação e Propaganda, 1976. Coleção Resistência nº5. p. 6

^{XLVI} ARAÚJO, Kelly. *Um só povo, uma só nação. O discurso do Estado para a construção do homem novo em Angola*. 2005. Dissertação - Universidade de São Paulo. 2005. p. 80

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Kelly. **Um só povo, uma só nação. O discurso do Estado para a construção do homem novo em Angola**. 2005. Dissertação - Universidade de São Paulo. 2005.

BITTENCOURT, Marcelo. **As linhas que formam o 'EME'**. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada à Universidade de São Paulo, 1996.

CARVALHO, Sílvio de. *Pepetela: Frangmentos de uma Trajetória*. Boletim do Tempo Presente - Boletim do Tempo Presente, nº 06, de 09 de 2013, p. 1 - 16, | <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>. Acessado em 02/09/2016.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto: 2001.

CHABAL. Las políticas de violência. In: **Revista Académica de Relaciones Internacionales**, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI.

CHABAL, Patrick. In Vidal, Nuno & Pinto de Andrade, Justino **Sociedade Civil e Política em Angola, enquadramento regional e internacional**, (Luanda & Lisboa: Universidade de Coimbra & Univ Católica de Angola, 1ª edição, 2008; 2ª ed. 2009)

CHARTIER, Roger. História hoje. In.: **Estudos históricos**. nº7, vol.13, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (org.). **Portanto...Pepetela**. São Paulo: Atêlie editorial, 2009.

DILOWA, C. R. . **Destruir para construir melhor**. Luanda: Departamento de Informação e Propaganda, 1976. Coleção Resistência nº5

FONSECA, Maria Nazareth. Literatura e “arquivos da memória”: negociação e dispersão de sentidos. In.: SECCo, Carmen Tindó, SALGADO, Maria T. E JORGE, Sílvio R. (orgs) **África, escritas literárias**. Rio de Janeiro: UFRJ; Angola: UEA, 2010.

FIGUEIREDO, Fábio B. **Entre raças, tribos e nações: Os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos**. Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2012.

-
- MATA, Inocência. **Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela**. 1993.
- MESSIANT, Christine. Transição para o Multipartidarismo sem transição para a Democracia. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). **O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola**. Luanda: Firmamento, 2006.
- MESSIANT, Christine. The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola`s Regime is taking over civil society. **African Affairs**. 100, 2001.
- PEPETELA. **Geração da Utopia**. 1992.
- PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: Uma Velha Nova História. In.: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 septembre 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560
- SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EdUFF, 1995
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- SERRANO, Carlos. O Romance como documento social: o caso de Mayombe. In.: **Via atlântica**. Nº 3, dez. 1999.
- VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). **O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola**. Luanda: Firmamento, 2006.